

EMPREGOS DE *PORQUE* NO DISCURSO ORAL

Maria da Conceição de PAIVA (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

ABSTRACT: In this analysis of the use of the Portuguese porque ("because") in oral speech, I argue that many of its occurrences cannot be explained by means of logical-semantic descriptions. The data I examined revealed the following: 1) porque appears in different kinds of constructions; 2) its function as an element of discourse organization is also varied: it may be linked to the previous, to the following and to both the previous and the following segments of the discourse.

0. Introdução

O conector *porque* possui alta frequência no discurso oral e exerce importante papel na organização do discurso e da interação verbal. Neste artigo, analiso algumas ocorrências desse conector em amostras de fala, com o objetivo de:

- fazer sobressair a inadequação de uma análise lógico-semântica, mostrando que ela não prevê muitos dos empregos de *porque*;
- evidenciar a multifuncionalidade desse elemento que pode introduzir segmentos de discurso de valores semânticos distintos e transitar por níveis linguísticos diferentes.¹

1. Descrições do conector *porque*

Nas descrições pragmático-argumentativas de *porque* é enfatizada sua dupla função: a de conector causal e a de operador argumentativo. Assim, na seqüência P *porque* Q, o conector liga duas frases simples, formando uma frase complexa, e indica a interdependência semântica entre elas. *Porque* encadeia também dois atos de fala. Na seqüência P *porque* Q, ele introduz um segmento pelo qual o locutor justifica a enunciação de P, isto é, o ato realizado através de P. Neste caso,

porque possui um emprego argumentativo. Q funciona como um argumento que conduz à conclusão P.²

Uma análise de dados do discurso oral revela, no entanto, que a descrição acima não recobre as diversas possibilidades de emprego de *porque* (Cf. Sweetser, 1990). A própria noção de justificação é vaga, difícil de ser precisada. Sob o rótulo de *porque* enunciativo ou de justificação estão incluídos dois tipos diferentes de *porque*, que estabelecem relação em "domínios diferentes". Seguindo a proposta de Sweetser (1990), o conector *porque* estabelece relação em três domínios:

- domínio do conteúdo;
- domínio epistêmico;
- domínio dos atos de fala.

Os enunciados (1), (2) e (3) ilustram ocorrências de *porque* em cada um desses domínios, respectivamente:

- (1) Olha, eu conheço um garoto que tem uma orelha pequenininha. Desse tamanhinho. O Ivan. Ele tem uma orelha desse tamanhinho. Uma vez eu saí da sala, *porque eu estava rindo da orelha dele*. Eu estava ensaiando o papel. Daí eu tinha que ir lá para o pátio. Eu estava- (Ros., 52, p. 76)
- (2) F- Da merenda? O Serafim ele num gosta muito não *porque ele só leva merenda*. Ele é todo assim mais ou menos. (M. Souza, 51, p. 281)
- (3) É melhor a gente trocar M, você ficar aqui e a R ficar ali, *porque senão eu vou ter que fazer isso pra ela e aqui não. Aqui eu faço isso e ela nunca iria me matar*. (Situação informal, nº 12)

No enunciado (1), *porque* estabelece relação no domínio do conteúdo. O segmento introduzido pelo conector apresenta a causa para o fato *eu saí da sala*. Trata-se aqui, segundo Anscombe (1984) da explicitação do elo de causalidade e *porque* funciona como um conectivo lógico, ligando duas proposições interdependentes.

No enunciado (2), a relação se estabelece no domínio epistêmico. Ou seja, o conector inicia um segmento de discurso através do qual o falante introduz uma evidência (uma prova) que lhe permite tirar uma conclusão. Do fato *porque o Serafim só leva merenda*, constatável

empiricamente, o falante extrapola para a conclusão de que ele não gosta da merenda escolar.

O emprego epistêmico de *porque* o aproxima de um elemento explicitador de um processo de indução. A partir da observação ou constatação de um fato (uma premissa observacional= *ele só leva merenda*), o falante procede a um salto para a conclusão de que o colega não gosta da merenda da escola. A semelhança entre *porque* epistêmico e o processo de indução se baseia na pressuposição de regularidade entre dois fatos. No exemplo em questão: *levar merenda - não gostar da merenda da escola*.

Como bem lembra Plantin (1990), as evidências se situam no plano da probabilidade. A ligação entre *levar merenda para a escola e não gostar da merenda da escola* só pode ser compreendida como provável, visto que diversas outras causas (motivos) podem estar na origem do fato de não comer a merenda da escola. *Porque* introduz o que se poderia denominar de prova retórica e o segmento em questão possui um valor de argumento.

O enunciado (3) exemplifica um uso de *porque* no domínio dos atos de fala (ou *porque* ilocucionário). O segmento *porque senão eu vou ter que fazer isso pra ela, e aqui...* está ligado ao ato de sugestão realizado pelo segmento anterior. A interpretação mais aproximada de (3) seria algo como: eu te sugiro que nós troquemos de lugar *porque* Y.

De acordo com os exemplos (1), (2) e (3), *porque* pode explicitar três esquemas de conexão semântica:

	P	<i>porque</i>	Q
1-	fato	- fato	- conector causal
2-	crença	- evidência	- epistêmico
3-	ato de fala	- justificação	- atos de fala. ⁵

É preciso considerar também que *porque* religa dois segmentos de discurso de natureza distinta: um segmento diretor e um segmento dependente ou subordinado. Em se tratando do operador causal, o elemento diretor de *porque*, o antecedente, é um conteúdo semântico (uma proposição); no caso de *porque* enunciativo, o segmento diretor ao qual ele se subordina é o próprio processo de enunciação e o ato de discurso que ele desempenha (cf. Moeschler 1986).

O importante papel de *porque* no processo de justificação da enunciação anterior pode ser denominado "função de justificação retroativa". *Porque* se subordina à enunciação de um segmento anterior, indicando a sua pertinência. A enunciação a que se liga o conector *porque* pode tomar a forma de um ato de discurso (uma ordem, um pedido, a expressão de uma crença) ou de uma conclusão.

Mesmo uma análise que considere três níveis distintos de conexão através de *porque* não recobre a diversidade de ocorrências deste elemento no discurso oral. Existem problemas ligados principalmente à natureza do segmento antecedente de *porque*, às suas funções interacionais e ao seu papel na organização do discurso seguinte.

2. *Porque* no discurso oral

Nesta e nas seções seguintes pretendo mostrar que:

- 1- a função de justificação retroativa de *porque* pode ser estendida a diversos outros dos seus empregos. Esse conector funciona como introdutor de justificação retroativa não apenas de uma enunciação explícita como também de enunciações implícitas, de partes de um enunciado e de outras relações semânticas;
- 2- algumas ocorrências de *porque* no discurso oral e, principalmente, em amostras de conversação espontânea colocam problemas para a descrição standard do *porque* enunciativo, principalmente no que se refere à questão do antecedente. A explicação destes exemplos requer referência ao próprio processo de interação verbal;
- 3- superpõe-se à função de justificação retroativa de *porque* uma função de tematização do discurso subsequente (função projectiva).

A análise dos exemplos (4) e (5) vai nos permitir mostrar que as vinculações de um segmento introduzido por *porque* e a sua função justificativa podem se apresentar de uma forma mais complexa. O segmento iniciado pelo conector pode tomar como elemento diretor uma enunciação implícita ou a própria forma de desenvolvimento do discurso do falante.

(4)- F- Eu prefiro mais ver a cabrocha no chão e dizendo no pé. Eu sou mais de ver.

E- E porta-bandeira, né? E mestre-sala-

F- Ah! Porta-bandeira e mestre-sala, aí eu- Eu acho bonito, tá? Eu acho, mas cada um tem assim um modo de proceder, né? Um acha que deve jogar a mão mais pra cá, outro jogar a mão mais pra lá, outro já deve de rodar a porta-bandeira. Aí sobre eles eu num tenho muito o que falar não, porque eu acho que porta-bandeira e mestre-sala eu acho que não- Tem muita influência dentro da escola, mas acho que num é tanto. *Porque o pessoal num sabe admirar um carnaval bem feito.* Se eles soubesse admirar, eles sabia o que é União da Ilha que diz no pé, traz o samba rasgado, né? Porque eles traz. Enquanto tem escola que não- só faz aquelas moça jogando beijinho e tal-

(Dav., 42, p. 141-143)

(5) F- Agora escola de coração mesmo, a minha, que eu nunca desfilei por ela, mas eu tenho uma paixão muito grande, é o Salgueiro, que antes de morrer, ainda desfilei no Salgueiro. Que essa é de coração. Não sei, eu nunca fui na quadra do Salgueiro, mas eu paro pra ver todo ano o Salgueiro desfilar. Pior que ela esteja, eu sou salgueirense de coração. Por que nunca desfilou?

F- Eu acho que eu ainda num tive uma oportunidade boa assim, pra desfilar no Salgueiro. Mas- Num é dizer que num tenho oportunidade, num sei. Faltou assim muita companhia, né? *Porque, para mim, em primeiro lugar, você tem que se enturmar com a turma.* Porque num adianta eu querer sair no Salgueiro. Falo bom: vou lá no morro do Salgueiro hoje, vou na quadra deles e vou ver uma ala lá pra mim sair. E num tenho um relacionamento com pessoal da ala. Porque eu acho que o relacionamento e- é a principal coisa assim num grupo, né? *Porque eles chamam de ala um grupo de pessoas.* E eu acho que tem que haver um grupo assim muito jóia para a gente poder brincar.

Os exemplos acima, extraídos da Amostra Censo, se inserem num discurso mais amplo sobre carnaval, uma das paixões do falante. No trecho (4), D. critica o carnaval centrado nas "moças nuas e não dizendo no pé", em detrimento do "samba no pé". Os referentes porta-bandeira e mestre-sala são introduzidos pelo entrevistador. A posição do falante em relação a esses personagens do carnaval é a de que eles são valorizados indevidamente. Uma interpretação do segmento introduzido por *porque* como uma justificação para a avaliação de que porta-bandeira e mestre-sala não têm muita influência seria contraditória argumentativamente. O segmento discursivo introduzido por *porque* justifica retroativamente a conclusão que seria autorizada pela afirmação anterior ao *mas*, ou seja, a de que vale a pena valorizar porta-bandeira e

mestre-sala. Conclusão da qual D. discorda. O segmento discursivo introduzido por *porque* (*porque eles não sabem admirar um carnaval bem-feito*) justifica a viabilidade da conclusão apenas implicada pelo falante.

No trecho (5) encontram-se dois outros empregos possíveis de *porque* em diferentes formas de justificação retroativa. Interessam-me aqui as seguintes seqüências:

(5a)- *Porque* para mim, em primeiro lugar, você tem que se enturmar com a turma.

(5b)- *Porque* eles chamam de ala um grupo de pessoas.

O problema que coloca essas duas seqüências se refere à natureza do antecedente do segmento introduzido por *porque*. Isto é, se considerados como ocorrências de *porque* enunciativos, a que enunciação estão vinculados?

Pelo discurso anterior a (5a) sabemos que, embora o falante prefira a escola de samba Salgueiro, ele nunca desfilou por ela. Questionado sobre a razão deste fato, D. apresenta como primeira explicação a falta de oportunidade. Imediatamente após, D se corrige para dizer que nunca desfilou pelo Salgueiro *porque faltou assim muita companhia*. É essa a verdadeira explicação para tal lacuna em sua vida. Há, portanto, uma relação causal entre nunca ter desfilado no Salgueiro - faltar companhia. O segmento introduzido por *porque*, a meu ver, está diretamente ligado a esta relação causal estabelecida anteriormente. Um esquema aproximado para 5a seria:

1- estabelece uma relação causal

PORQUE

2- Justifica a relação causal anterior

O segmento de discurso iniciado por *porque* possui como antecedente a própria relação causal/explicativa que o falante estabelece no discurso anterior. Válida a própria explicação para o fato de nunca ter desfilado no Salgueiro. O único sentido em que podemos interpretar (5a) como um *porque* de justificação enunciativa é: P= eu nunca desfilei no Salgueiro *porque* faltou companhia (e esta é uma boa explicação) *porque* Q= para mim, em primeiro lugar.

O trecho (5b) coloca problemas especiais quanto à natureza do antecedente a que se vincula *porque*. O segmento por ele introduzido não pode ser interpretado como uma justificação para a opinião expressa anteriormente: *eu acho que o relacionamento é a principal coisa assim num grupo, né?* Parece que a interpretação mais apropriada é a de que o segmento introduzido por *porque* esclarece a própria possibilidade de utilização da palavra *grupo* no lugar da palavra *ala*, em se referindo a uma escola de samba. Uma paráfrase aproximada para (7b) poderia ser: P= eu uso a palavra grupo (e posso fazê-lo) *porque* Q = eles chamam de ala um grupo de pessoas. O que significaria dizer que, através do segmento introduzido por *porque*, o falante justifica a própria atividade lingüística de seleção de uma determinada palavra no lugar de outra realizando o que se poderia chamar de uma atividade metalingüística.

Os exemplos a seguir, extraídos de trechos de conversação espontânea, vão evidenciar a possibilidade de subordinação de segmentos introduzidos por *porque* ao próprio processo de interação verbal:

(6) F1- Você viu, você andando na praia não sente, né?

F2- Num sei...

F1- *Porque você num tem obstáculo, num tem nada.*

(sit. n° 14)

(7) F1- Vem cá, como é que tá esse negócio de greve? A Assembléia é hoje?

F2- Num sei. Num vi nenhum anúncio. Nenhum professor falou nada.

F1- *Porque as outras universidades federais estão em greve já. Todas- Quase todas.*

F2- Eu num sei, mas acho que vai ter greve sim.

(sit. n° 5)

(8) F1- Como é que a sua mãe consegue amassar o bolo assim?

F2- Tanto, né? Sozinha ela consegue fazer isto.

F1- Ah! Ela faz a mão? Ela não tem batedeira?

F2- Não, quebrou. A gente quer comprar outra, mas ainda ... [mas ela num se importa, já tá acostumada].

F1- [Com uma batedeira] é muito mais fácil de fazer bolo.

F2- *Porque as batedeira que a gente viu por aí nas loja tá*

tudo muito cara. A gente procurou em diversos lugares e ainda num...

F1- E. Num é só a batedeira. Tá tudo muito caro. Veja só,

outro dia eu queria comprar. (sit. n° 6)

O exemplo (6) foi extraído de uma discussão sobre a necessidade de fazer ginástica. Um dos interlocutores (F1) procura convencer o outro dos benefícios do exercício físico. No trecho reproduzido, a primeira intervenção de (F1) (*Você viu, você andando na praia, num sente, né?*) apresenta a conclusão de que andar na praia não cansa. Afirmção com a qual (F2) hesita em concordar, o que se revela não só no emprego da expressão "num sei" como também no tom hesitante, marcado pelas reticências. Diante da hesitação de (F2), (F1) introduz um novo turno de fala com o conector *porque*, justificando, assim, a sua afirmação anterior (*Porque você num tem obstáculo, num tem nada*). O exemplo (6) poderia ser parafraseado como: eu te afirmo que andando na praia você num sente, *porque* num tem obstáculo, num tem nada.

O emprego de *porque* em (6) é consoante à sua função mais geral de elemento de justificação retroativa. *Porque* introduz um segmento de discurso que possui papel argumentativo e se liga ao enunciado anterior. A atividade de justificação no caso é, no entanto, mais complexa e possui origens interacionais. A enunciação do segmento de discurso introduzido por *porque* é dependente da reação de (F2), subordina-se à troca verbal entre os dois interlocutores. É a hesitação manifesta por (F2) em aceitar a afirmação de (F1) que desencadeia a atividade de justificação.

Um esquema do processo de conexão em (6) tem de fazer referência ao processo interacional. Assim:

- 1- Afirmação
- 2- Hesitação
- PORQUE
- 3- Justificação

Aqui fica evidente o processo de subordinação interacional. O ato de justificação (3), se liga ao de afirmação (1), intermediado pela hesitação do interlocutor em (2).

O trecho (7) ilustra igualmente um emprego de *porque* enquanto elemento de justificação retroativa ligado à troca verbal entre os participantes do ato de interação. Uma possibilidade de interpretação de (7) seria a de que o segmento introduzido por *porque* justifica a questão colocada por (F1) (*Vem cá, como é que tá esse negócio de*

greve? A assembléa é hoje?) Uma paráfrase aproximada desse exemplo seria: eu te pergunto como é que tá esse negócio de greve aqui na Universidade, **porque** as outras universidades já estão em greve.

A ocorrência de **porque** no exemplo em foco é, no entanto, acionada pela resposta de (F2). (F1) coloca simultaneamente duas perguntas: *como está esse negócio de greve e se há assembléa*. A resposta de (F2) é ambígua quanto ao seu escopo: pode ser interpretada como uma resposta para as duas questões ou para apenas uma delas. Dessa ambigüidade decorre o acréscimo do segmento que justifica a pergunta *como é que tá esse negócio de greve*. Um esquema de (7) requer referência à intervenção de (F2) no estabelecimento de conexão entre o ato de perguntar e a justificação desse ato:

1- pergunta

2- resposta ambígua

PORQUE

3- justificação da pergunta

Os exemplos (6) e (7) mostram empregos interacionalmente acionados de **porque**. O segmento de discurso introduzido pelo conector toma como elemento diretor a reação do interlocutor a um determinado ato de fala. A atividade justificativa faz intervir o interlocutor, incorpora a sua atuação.

Nos dois casos analisados, a resposta do interlocutor é multidirecional. Em (6), (F2) poderia concordar, discordar ou, como vimos, hesitar em aceitar a afirmação feita por (F1). Porém, a concordância de (F2) com a afirmação feita por (F1), por exemplo, tornaria a atividade de justificação desnecessária. Em (7), é a ambigüidade da resposta de (F2) que está na origem do acréscimo do segmento introduzido por **porque**. Nos dois exemplos, **porque** está encadeado não diretamente ao ato de discurso que ele justifica (afirmação em (6), uma pergunta em (7)), mas sim ao próprio material conversacional. **Porque** integra e é subordinado à interação verbal.

O trecho (8) ilustra alguns outros aspectos ligados ao emprego de **porque** na conversação. Interessa-me neste exemplo a relação entre:

Não, quebrou. A gente quer comprar outra, mas ainda...**Porque** as batedeira que a gente viu por aí nas loja tá tudo muito cara. A gente...

Numa primeira leitura, o segmento introduzido por *porque* pode ser interpretado como uma explicação para o fato de (F2) ainda não ter comprado uma nova bateadeira, fato que fica apenas implicado na sua fala. *Porque* funciona retroativamente, conectado a uma informação implícita no discurso anterior.

Uma análise mais detalhada de (8) revela, no entanto, que o turno de fala introduzido por *porque* modifica a direção do discurso, introduz um novo assunto de conversação, no caso, o preço alto dos produtos. Através do segmento iniciado por *porque*, (F2) progride para uma nova troca verbal, centrada agora nos preços. Essa interpretação é reforçada pela última intervenção de (F1) que dá continuidade à mudança de direção proposta por (F1) e faz progredir o discurso em torno do assunto preços altos.

O *porque* ilustrado por (8) é caracterizado por Möeschler (s.d.) como um elemento de relance da conversação. É interno à fala de um interlocutor e permite a continuação da conversa pela introdução de um novo tema. Podemos dizer que o conector *porque* no exemplo em causa acumula duas funções: uma função de justificação retroativa e uma função projectiva de tematização do discurso subsequente. Em outros termos, *porque* remete ao discurso anterior, explicando um conteúdo implicado, e encaminha o discurso seguinte, introduzindo um novo tópico de conversação. Esse acúmulo funcional faz com que as conexões discursivas estabelecidas por *porque* sejam muito mais complexas, bi-direcionais.

Essa bidirecionalidade de *porque* é ilustrada também pelo exemplo (9):

(9) F- E esse negócio de dizer: "Ah! os médicos estão ricos". São muito poucos, muito poucos, sabe? É porque- É um tipo de medicina que é ("fica") feito butique, sabe? Aquela medicina cara, sofisticada.

E- Plástica-

F- Plástica e certos tipos de médicos de medalhão, você está entendendo? E uma- Mas também eu acho que é uma raça em extinção, porque eu tenho a impressão que hoje você não tem mais campo muito para esse gênero de coisa, sabe? Eu acho que é uma raça que está um pouco em extinção. *Porque eu acho que hoje a dificuldade para exercer uma profissão de médico é tão grande que eu acho que vai tão- vai ser pouca gente querendo se formar para*

ser médico. Porque é muito mais fácil você, hoje, abrir uma loja de comércio, está entendendo? Antigamente você via famílias, né? Era um grande orgulho você ter um filho médico, ter um médico na família, né? Era uma coisa assim não só bonita, mas era uma coisa assim de uma, sabe? Era uma coisa muito importante dentro de- (C., Hel. 40, 92-94)

No trecho acima, interessam-me as seguintes seqüências encadeadas pelo conector *porque*:

- (9a)- Eu acho que é uma raça que está um pouco em extinção- PORQUE - eu acho que hoje a dificuldade para exercer uma profissão de médico é tão grande que vai ter pouca gente querendo se formar para ser médico.
- (9b)- eu acho que hoje a dificuldade para exercer uma profissão de médico é tão grande que vai ter pouca gente querendo se formar para médico PORQUE é muito mais fácil, hoje, você abrir uma loja de comércio, está entendendo?

Na seqüência (9a), o segmento de discurso introduzido por *porque* pode ser considerado como uma justificação para o ato de dizer que os médicos são uma raça em extinção (*Eu acho que os médicos são uma raça em extinção PORQUE ...*). *Porque* desempenha a atividade de justificação retroativa, na medida que garante a validade da enunciação anterior, apresenta um argumento que sustenta a opinião da falante.

Na seqüência (9b), o segmento iniciado por *porque* (*porque é mais fácil, hoje, você abrir uma loja*) se encadeia ao argumento anteriormente apresentado e lhe dá continuação: *Vai ter pouca gente querendo se formar para médico porque... Tomando vai ter pouca gente querendo se formar para médico* como um argumento que justifica *eu acho que é uma raça em extinção*, o encadeamento através de *porque* seria:

- 1- Opinião/conclusão- Eu acho que é uma raça em extinção.
PORQUE
- 2- Argumento para 1 e Conclusão para 3 - a dificuldade para exercer uma profissão de médico é tão grande que vai ter pouca gente querendo se formar para médico.
PORQUE
- 3- Argumento para 2 - é mais fácil, hoje, você abrir uma loja de comércio, está entendendo?

Porque é bidirecional: remete para o discurso anterior e para o discurso subsequente. Remete para o discurso anterior, ao introduzir um argumento para uma conclusão e, para o discurso posterior, ao adquirir características de uma conclusão que exige ela própria uma justificação. Superpõem-se aqui função retroativa e função projectiva e o segmento iniciado por *porque* possui um duplo papel discursivo: simultaneamente argumento e conclusão.

3. Conclusão

A análise aqui desenvolvida, por um lado, valida a função de justificação retroativa de *porque* e, por outro, coloca a necessidade de ampliação desse conceito, se quisermos abarcar diferentes empregos desse conector no discurso oral. *Porque* justifica retroativamente não apenas um enunciado ou uma enunciação explícita no discurso anterior como também uma enunciação implícita ou a própria forma de desenvolvimento do discurso. Ademais, um segmento introduzido por *porque* pode subordinar-se ao processo de interação verbal, estabelecendo relações de natureza mais complexa. *Porque* pode ter como elemento diretor unidades muito acima da proposição ou do enunciado. O que equivale a dizer que *porque* transita por diferentes níveis lingüísticos, o que não pode ser explicado por uma descrição lógico-semântica desse elemento. Ele opera tanto no nível das relações interproposicionais quanto no nível dos tópicos discursivos.

A superposição entre função de justificação retroativa e função projectiva constitui evidência irrefutável de que *porque* atua duplamente na organização discursiva, colocando, assim, problemas não resolvidos e nem mesmo entrevistados nas suas descrições tradicionais.

(Recebido em 26/05/93. Aceito em 23/05/94)

NOTAS

¹ Os dados em análise foram extraídos de duas amostras do português falado no Rio de Janeiro: a Amostra Censo e amostra de algumas situações de conversação espontânea.

² Essa ambigüidade de seqüências construídas com *porque* é acentuada também em Vogt (1978).

- ³ O conceito de *porque* enunciativo recobre as possibilidades 2 e 3, *porque* epistêmico e *porque* ilocucionário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBRE. (1984) La representation de la notion de cause dans la langue. *Cahiers de grammaire* 8: 3-53.
- ANSCOMBRE, J. C. & O. DUCROT (1983) *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles, Mardaga.
- MOESCHLER, J. (s.d.) Trois emplois de parce que en conversation. Cópia xérox.
- . (1986) Connecteurs pragmatiques; lois de discours et strategies interpretatives: parce que et la justification enonciative. *Cahiers de linguistique française* 7: 149-167.
- NARO et alii. (1984) *Relatório final do projeto Censo da Variação lingüística no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FINEP/UFRJ.
- PLANTIN, Ch. (1980) *Essais sur l'argumentation: introduction à l'étude linguistique de la parole argumentative*. Paris, Editions Kimé.
- SWEETSER, E. (1990) *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge University Press. Cambridge Studies in Linguistics, 54.
- VOGT, C. A. (1978) Indicações para uma análise semântica argumentativa das conjunções pois, porque, e já que. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 1:35-50, UNICAMP.